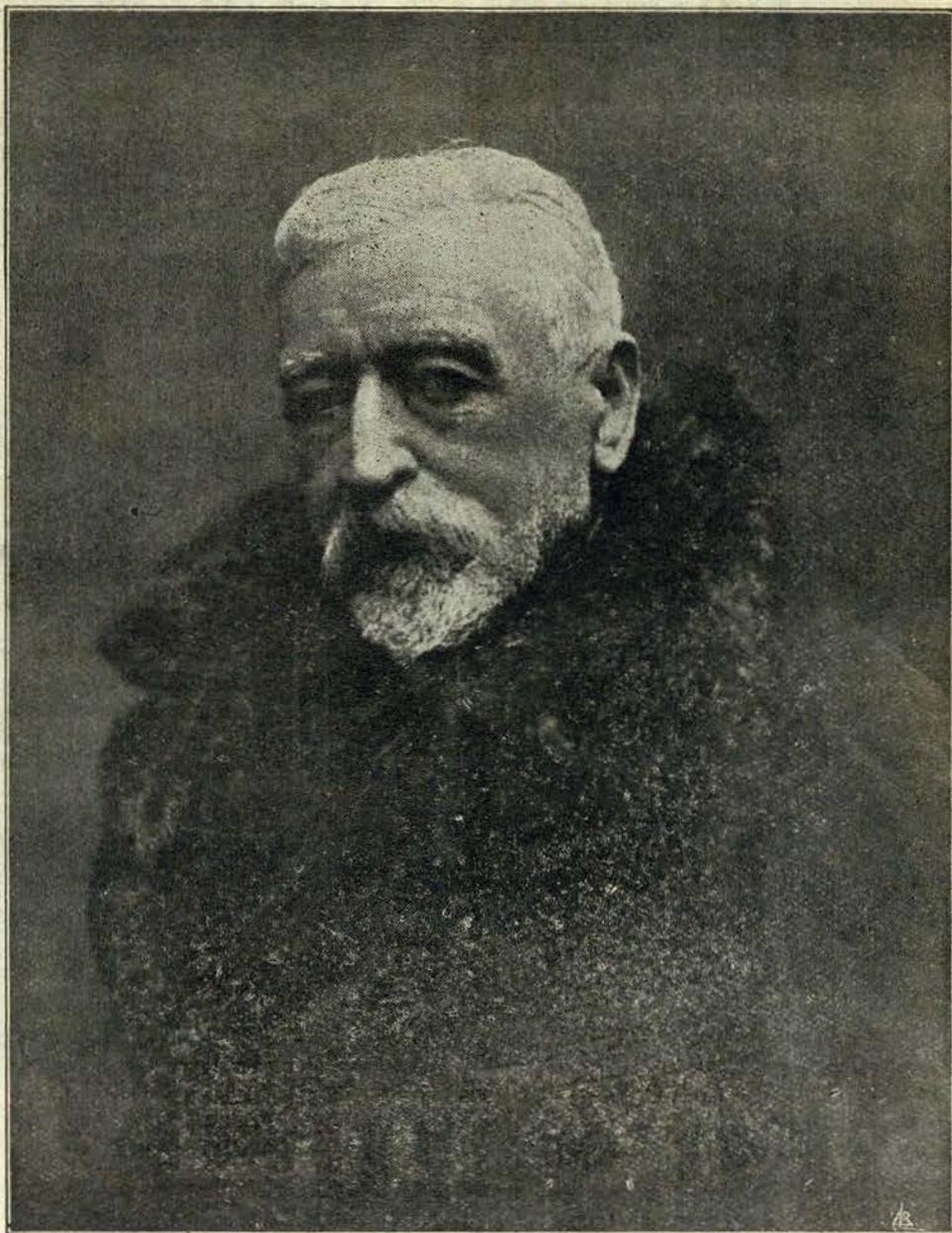


# A Entrevista

Sem santo nem senha

POR JOAQUIM LEITÃO



*O notabilissimo estadista hespanhol D. EUGENIO MONTERO RIOS*

**N.º 2 — Numero avulso 60 reis — 8 - XI - 1913**

**NÃO SE ACCEITAM ASSIGNATURAS**

**Editor e proprietario: MARIO ANTUNES LEITÃO**

Composto e impresso na Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Successor — Rua da Cancellaria Velha, 70 — PORTO.

Todos os direitos de reprodução reservados

# A ENTREVISTA

—= POR =—

=====**JOAQUIM LEITÃO**=====

Publicação semanal de 16 paginas de texto e capa illustrada com o retrato do entrevistado. Publicará entrevistas com os homens eminentes de toda a Europa e Americas, á medida que os acontecimentos as provocarem. Occupar-se-ha da politica portugueza sem distincções de côres politicas.

---

Portugal: Numero avulso . . . . .	60 reis
Pelo correio . . . . .	65 reis
França e paizes da União Postal.	50 centimos
Brazil (moeda portugueza) . . . . .	100 reis

Não se acceitam assignaturas

*As pessoas que quizerem receber A Entrevista pelo correio deverão remetter adeantadamente a importancia d'uma serie de numeros, accitando-se a partir de uma serie de quatro numeros, remettida á typographia de A. J. da Silva Teixeira, Successor, Rua da Cancellia Velha, 70 — PORTO.*

*As pessoas residentes no estrangeiro dirigir-se-hão ao auctor: Joaquim Leitão, 4, Rue Faustin Helie—Passy—PARIS.*

---

---

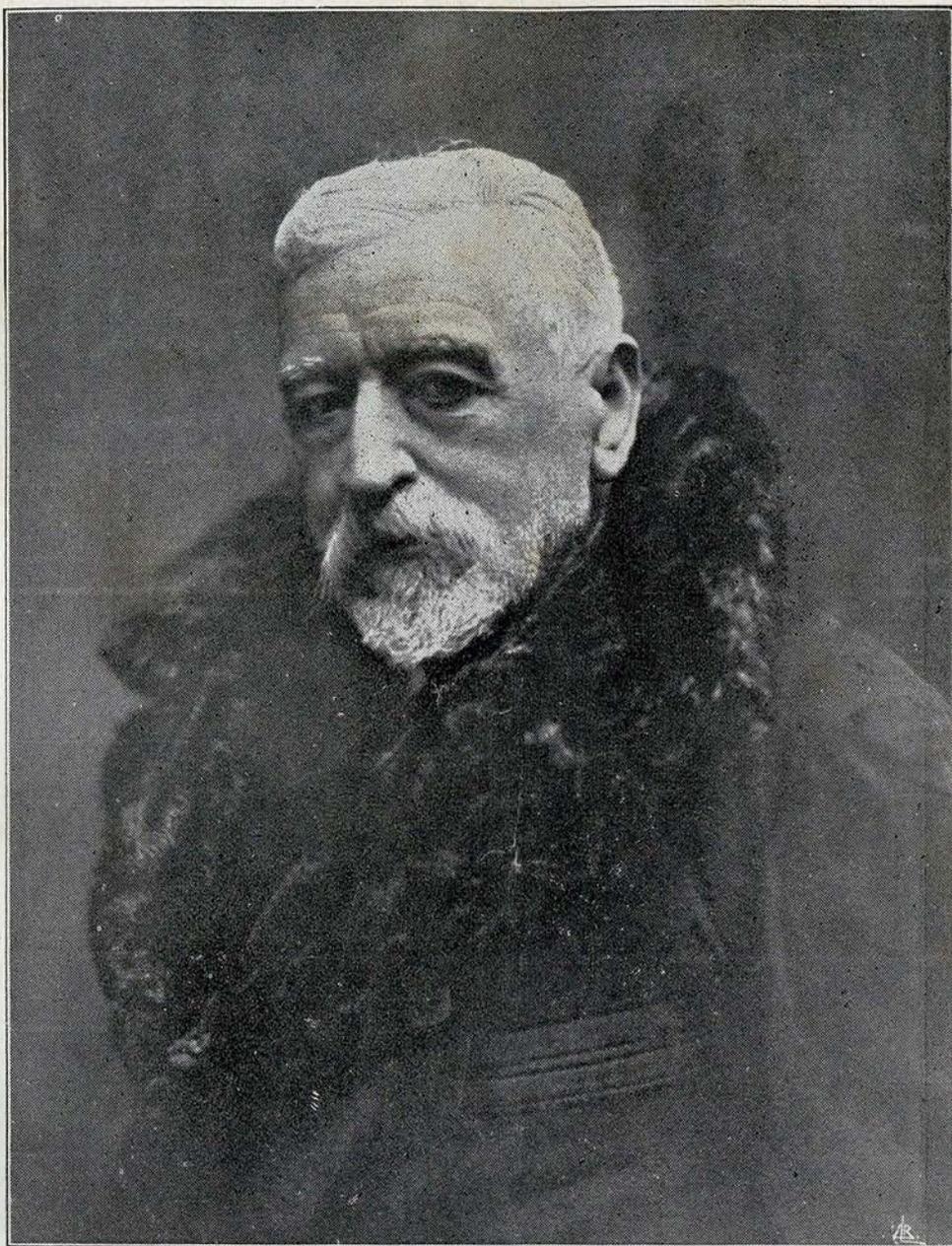
## A ENTREVISTA

publicou no primeiro numero

UMA

..... Entrevista com João d'Azevedo Coutinho .....

em que, o antigo ministro e heroe d'Africa, conta a sua temeraria entrada em Portugal nas vespersas dos acontecimentos de outubro ultimo e como conseguiu sahir de Lisboa, escapando ás auctoridades conhecedoras da sua estada na capital



Stylized handwritten text in cursive script, possibly a signature or a dedication, located below the portrait. The text is written in dark ink on a light background. The first line appears to read "Stylized text" and the second line "and other works". The signature is highly stylized and difficult to decipher, but it appears to be "L. P. ...".

# A ENTREVISTA

Sem Santo nem Senha

POR

JOAQUIM LEITÃO

N.º 2

8-11-1913

---

## PROLOGO D'UM INQUERITO

Á

### Politica Hespanhola Contemporanea

---

A Hespanha foi em 1905 o fiel da politica europêa em Marrocos; a Hespanha é, per ventura, hoje a alavanca das velocidades no machinismo politico da França, da Allemanha e da Inglaterra.

Os seus progressos e as suas crises interessam-nos profundamente, a nós portuguezes.

Como bons visinhos hemos passado a vida a viver de janellas fechadas, um para o outro, e a murmurar por entre os vidros:

— Olha que vestido que leva a Hespanha? Que côres!

E do outro lado, por dentro da sua *ventana*, a visinha quando nos via pôr o pé na rua:

— Lá vae o visinho de sobrecasaca e chapêu alto! Ora o *lord*! ..

Não nos conheciamos. A Hespanha ainda conhece o Herculano; nós ficamos no *Quixote*, e no *Goya*. desco-

nhecemos a sua politica, a sua litteratura, a força da sua industria, os progressos do seu exercito, as tentativas da sua reorganisação moral, tudo.

Da Hespanha sabemos o aniz, as castanholas, o chocolate, a zarzuéla e o Bombita.

E' pouco. E saber pouco, com a intima persuasão de que se sabe tudo, é muito grave.

A Hespanha excede-nos geographicamente, portanto populatissimamente, a Hespanha industrialisa-se, a Hespanha retoma pouco a pouco o seu papel de grande potencia, não é um assumpto desdenhavel para homens cultos, nem uma ninharia curial para o visinho.

Emquanto as suas desfeitas colonias a isolaram da convivencia internacional, o estudo da Hespanha poderia dispensar-se.

Hoje, que os grandes a cortejam, os pequenos que fizerem que a não veem, erram.

A Hespanha conta politicamente e conta ethnicamente, tendo sobre a maior parte dos organismos sociaes da actual idade europêa uma superioridade ethnica e uma força patria: o seu estupendo orgulho nacional.

Emquanto a Inglaterra resvála para o costume francês, a França usa o chapéo esverdinhado do allemão e está deslumbrada pelas americanices, a Hespanha persiste inabalavelmente, orgulhosamente hespanhola.

Ha dois annos dizia-me Miguel Unamuno:

— «Que vou eu fazer a França? Não vou lá aprender coisa nenhuma, e se a França quer que eu vá ensinar-lhe algo, que me pague as despesas de viagem!»

Este arreganho castelhano do cathedratico basco é a synthese do nacionalismo que ha em todo o povo hespanhol. A grande força de um povo é a consciencia das suas qualidades. O hespanhol vae para Paris estudar pintura e não pinta a Bretanha; cêga a pupilla retrahida do gaulês com os estridentes azues da Andaluzia; enche metros do Luxembourg com a roda dos *mantons*, crava nos monótonos nús do *Salon* a farpa dos seus toureiros.

Esse orgulho nos seus usos e costumes impede lhe novas assimilações. E quando érra, o hespanhol não admite a possibilidade de que seja elle quem erra: é o orbe todo que está enganado, o Espirito Santo só no seu ouvido verteu a fórmula da verdade.

O hespanhol tem uma technica litteraria mais pesada do que a nossa: pois um homem culto hespanhol dizia-me um dia d'estes, muito convencido, que nós eramos mais imperfeitos *stylistas* do que elles. Isto

será talvez um travão ao progresso material e intellectual, mas é bem assim uma força collectiva, este apêgo ás tradições nacionaes.

O inglêz — que é o romano moderno —, foi o mais forte enquanto a sua pégada não foi calçada pelo sapateteiro francês.

O mal portuguez é o estrangeirismo; a admiravel maleabilidade da nossa raça, a nossa superioridade intellectual e a nossa cultura, valeram-nos a desnacionalisação que começou nos cerebros e podia vir a acabar no coração.

Portugal vae-se curando do mal da estrangeirice, mas a Hespanha é hoje o unico povo da Europa que tem o orgulho bravio da sua maneira de ser.

Só isso é uma força.

Mas a Hespanha interessa por outros motivos.

A Hespanha, a despeito d'este seu hespanholismo, é uma prosperidade e um progresso em marcha.

O seu exercito que era fardado por um tósco guarda-roupa de emprezario de provincia, já este verão o vi elegantemente uniformisado á prussiana, um calção de flanela raiada, polaina, muito mais pratica e marcialmente equipado do que o francês.

A marinha refaz-se, e os seus officiaes affirmam um valor excepcional nos estaleiros onde são mandados. Um official da marinha brasileira, o capitão tenente Americo Pimentel, que está em Newcastle seguindo a construcção d'um couraçado brasileiro, contou-me um facto que o prova.

— «A casa Armstrong apresentou um vaso de guerra, onde havia uma inovação na artilharia. A Newcastle mandam as potencias os seus mais competentes officiaes, seguir as construcções das respectivas esquadras. Nós mesmos, os brasileiros, temos

em Newcastle uma comissão naval, composta de especialistas. Eu, por exemplo, que sou artilheiro naval, estou em Inglaterra, acompanhando a construção da torre que hei de comandar no novo couraçado. Juntam-se ali especialistas de todo o mundo. O Armstrong convidou todas as comissões navaes e todas aclamaram o novo canhão. Pois no dia seguinte, a comissão naval hespanhola apresentou-se ao Armstrong, afirmando: «Naquella torre ha uma posição em que o canhão não póde disparar!» Os engenheiros do Armstrong não queriam crêr. Podia lá ser! Comprehende, o Armstrong antes de apresentar uma invenção, estuda-a, discute-a, e não a dá levemente por prompta, sem estar scientificamente convencido da sua exacta precisão. Ficaram congestionados de assombro e, com o desdém britânico, a primeira coisa que julgaram foi que os hespanhoes é que estavam enganados. Mas fóram para bordo, a comissão naval espanhola propôz a tal posição em que lhe parecia que o canhão não podia disparar, e verificou-se que os artilheiros navaes hespanhoes eram os unicos que haviam tido a subtil rapidez da critica. A Hespanha tem hoje artilheiros navaes distinctissimos. Este facto foi um successo para a marinha hespanhola».

Como esses fortes que aproveitam as horas de desfavor para se valorisarem trabalhando no seu gabinete, a Hespanha empregou estes annos que veem da perda de Cuba á *entente* franco-hespanhola, para se retemperar, refundir e valorisar. Uma potencia expropria-a hoje; doze annos depois a aguia franceza corteja o leão de Castella.

A Hespanha não é, pois, uma theoria que as modernas certezas hajam remettido a um museu d'archeologia.

E' um assumpto, e um assumpto magno para portuguezes.

Encaminhe-se ella para os rubros esponsaes da democracia, esteja ella embriagada com sonhos imperialistas, o seu futuro e a sua crise gestadora presente interessa-nos de perto e sériamente.

Uma republica em Hespanha mudaria a face da politica na Europa; o simples facto do seu sonho imperialista, seria um indice das variações barometricas da politica europêa.

N'uma e n'outra hypothese, Portugal é tido e achado. E' imprescindivel, portanto, conhecer a Hespanha, aprendel-a.

O que se passa em Hespanha?

Que genesis trabalha a nacionalidade hespanhola?

Quem a governa? As forças dymnasticas? Os revolucionarios? Quaes? Está ali a gerar-se um imperio ou uma republica? Que pretende ella de nós: a nossa alliança ou o nosso sangue? O que pensam os seus homens? O que significam estas crises partidarias da Hespanha?

Tudo isto são innadiaveis problemas a que o povo portuguez reclama resposta, que não póde obter sem se proceder a um inquerito á politica hespanhola contemporanea.

Já no nosso primeiro numero haviamos promettido que procuraríamos «entender esta tormentosa hora da politica hespanhola, pedindo aos seus prohombres os seus depoimentos<sup>1</sup>.

«N'este meio tempo tivemos a honra de receber a aquiescencia do illustre decano da politica hespanhola, Montero Rios que annuiu ao nosso desejo de o entrevistarmos.

Essa entrevista tem uma tal magnitude, uma tal actualidade e um tal alcance politico para nós, portuguezes,

<sup>1</sup> Pag.<sup>a</sup> 2 d'A *Entrevista*.

e para o mundo, que, estando já escripta a annunciada entrevista com o Sr. Conde de Mangualde, entendemos addiar a publicação d'esta e apressar a d'aquella.

A palavra de Montero Rios seria sempre escutada como uma lição de politica; mas Montero Rios foi mais do que um mestre da sciencia politica hespanhola, foi um cathedratico da politica actual, e a entrevista que nos concedeu não é uma fragmentaria conversa sobre a vida transitoria dos homens, mas o resumo do problema social que trabalha a Europa.

E' mais do que uma entrevista, é um prologo do inquerito que nos propomos fazer á politica hespanhola

e que muito breve nos levará a Madrid.

Montero Rios tem 81 annos.

Oitenta e um annos são uma cunhada d'onde a pupilla d'um homem de valor e de experiencia feito, póde resumir os incidentes de terra *baja* e exprimi-los depois n'uma synthese.

Foi o que Montero Rios fez: a synthese da politica do seu paiz, que é a miniatura da politica mundial do seculo.

Ouçamol-a.

Mas antes de nos approximarmos do gigante santiaguês, compenetremos-nos bem da auctoridade politica e historica que tem as suas palavras.

# Quem é Montero Rios

A carreira d'um decano—O ministerio de Prim e o fiel partidario de Amadeo — “O bom filho de Santiago” — A Republica encontra affastado da vida publica o homem de estado da monarchia.

Todas as chancellarias da Europa conhecem a gloriosa figura de Montero Rios. Em Portugal todo o homem medianamente culto sabe o papel que este estadista hespanhol tem representado na politica internacional, sobretudo estes ultimos annos, e o grande publico tem no ouvido o nome de Montero Rios, de o lèr nos telegrammas que historiaram a crise ministerial que precedeu a queda do gabinete Romanónes e a chamada ao poder do actual ministerio conservador.

E' todavia tão vasta a carreira d'esta notabilidade da politica hespanhola, tão cheios de gloria os oitenta e um annos d'este homem illustre, que natural é que o publico portuguez, ao fixar as recentes repercussões do seu nome, se deslembre dos primeiros dias da sua luminosa carreira que atravessa já quatro reinados — Isabel, Amadeo, Affonso XII e Affonso XIII —, e o interregno republicano hespanhol.

Recordaremos, pois, a vida publica de Montero Rios, que se confunde em mais de um periodo com a politica da Hespanha contemporanea, como as aguas do Atlantico se confundem n'uma extensa zona com a magestade caudalosa do Amazonas.

Em 1858, já doutorado em theologia e direito, aquelle que havia de vir

a ser um mestre da politica hispanica, concorria a cathedratico de direito canonico na Universidade de Oviedo, d'onde permutava para a faculdade de Santiago de Compostella onde nasceu (1832) e se formára.

A Santiago, seu nascedouro e lição dos seus primeiros combates jornalisticos, ficou para sempre Montero Rios ligado e affecto, restituindo-lhe, em carinhosas obras de engrandecimento e de ternura, toda a grandeza que o seu talento e nome déra o tradicional burgo compostellano: creou-lhe escolas, faculdades, succursaes do Banco de Hespanha, desenvolveu a viação accelerada da provincia, merecendo-lhe a sua fidelidade ao torrão natal o sagrado cognome de « *bom filho de Santiago* » porque é conhecido.

Quando Ruiz Zorilla assume o ministerio da Justiça, Montero Rios é o sub-secretario d'esse ministerio, e com os primeiros dias do anno de 1870 é Montero Rios, pela primeira vez ministro, no gabinete presidido pelo general Prim, dactando d'ahi a sua celebre lei do casamento civil.

Amadeo, experimenta no seu curto reinado o seu character tão leal ao rei cuja candidatura votára, como á sua Santiago: a politica leva-o para Madrid, elle põe a sua influencia poli-

tica ao serviço de Santiago; Amadeo renuncia ao throno (10 de fevereiro de 1873) e Montero Rios acompanha o soberano renunciante a Lisboa, e renuncia á politica, estando affastado durante a republica e primeiros annos de Affonso XII.

**O seu regresso á politica  
— O primeiro ministerio  
presidido por Montero Rios**

A' sua penna deveu, em 1880, Ruiz Zorilla o manifesto que lhe revitalizou o partido de que Montero Rios depois se separou com Martos, para formar a esquerda dymnastica. Quatro annos mais tarde, a sua chamada *lei de garantias* é um programma inteiro, e tanto que o partido fusionista o toma como plataforma politica.

Sempre e já o seu puder de synthese, a grande força dos creadores.

A politica não inutilisa o homem de sciencia, o homem publico não esquece o cathedratico, o estadista não despreza o jurista, e os jornaes e as revistas de jurisprudencia são alimentados pela sua valiosa collaboração, firmando-se Montero Rios o mais completo commentador de direito publico.

Em 1886 Madrid e Santiago elegendem-o simultaneamente deputado, optando pela candidatura da sua terra natal.

D. Afonso XII sóbe ao throno, e a attestar a era de boa fortuna que o actual reinado ia marcar em Hespanha, no seu primeiro ministerio sobraça a pasta do fomento Montero Rios, sob a presidencia de Sagasta, como já em 1892 Sagasta, formando ministerio, convidava Montero Rios para a pasta da justiça.

E' ahí que começa o periodo senão mais activo, mais continuo da vida publica de Montero Rios. Em 1893 preside pela primeira vez á camara

alta, voltando cinco annos depois a sentar-se na cadeira presidencial do Senado, a que renunciou para ir a Paris tomar parte na discussão do tratado de paz com os Estados Unidos, renuncia que Sagasta lhe recusou.

N'esse momento, Montero Rios era já um vulto incontestavel da politica hespanhola.

**1897 — Uma crise da chefia do partido liberal em vida de Sagasta — Uma geração de gigantes — O sangue illustre de Gamaso nas veias de Maura, filho — Montero Rios destacando-se.**

Fôra 1897 que marcára a craveira da sua estatura. Militando, então, no partido liberal uma geração de gigantes, de que eram marchaes: Gamaso, Moret, Maura e Montero Rios.

Maura ainda a esse tempo liberal, não era, ainda, o nome mundial que veio a chefiar o partido conservador hespanhol. Mas era já uma individualidade que não cabia n'um esconso da politica. Gamaso era um advogado reputadissimo de Madrid, um parlamentar de pólpa, e um homem politico que guiou Maura na vida, abrindo-lhe as portas da advocacia no seu proprio escriptorio, e levando-o pelo braço ás primeiras escarpas da notariade. É um commovente episodio do parlamento hespanhol prova a admiração que Maura conserva pelo seu mestre e amigo.

Maura casou com uma filha de Gamaso. Recentemente o filho de Maura proferiu nas camaras um discurso notabilissimo sobre politica internacional, em que havia a força da erudição e a graça alada do estylista da palavra. As camaras em peso correram a abraçar Maura filho, ovacionando-o, acclamando-o como uma das

mais fortes esperanças da nova geração parlamentar.

Maura, que foi também felicitar o filho, disse-lhe este elevado elogio que é a casta modestia do *prohombre*, aliado ao grato respeito pela sua mulher:

— *Tienes más de Gamaso que de Maura!*

Pois bem. N'essa hora em que o partido liberal continha Gamaso, a quem hoje Maura faz esse elogio histórico tão grandioso, o proprio Maura e Montero Rios, deu-se um rumor de crise na chefia do partido.

Em um de fevereiro circulava por Madrid a voz do que Sagasta, por doença gravissima da esposa, se retirava, ao menos por algum tempo da chefatura do partido liberal e que, em casa d'elle, se reuniram Gamaso, Morret e Leon y Castillo, sendo accete o successor Montero Rios. No dia seguinte desmentia-se o boato, mas « *La Correspondencia de España* » de 2 de fevereiro de 1897 dizia:

« *El unico de los personajes liberales acatado por todos, o casi todos, reconocido tambien fuera del partido y que contaria con prestigio, caracter e autoridad bastante para dirigir el partido liberal, seria el señor Montero Rios* ». <sup>1</sup>

**Montero Rios chefe dos liberaes — A sua primeira presidencia ministerial — A sua ultima presidencia senatorial — A crise do gabinete Romanones — Chamada do actual gabinete conservador ao poder.**

Effectivamente ao desaparecer Sagasta, a assembleia magna de deputados, ex-deputados, senadores, ex-se-

nadores e antigos ministros elegia Montero Rios chefe do partido liberal. E em 1904, o primeiro consulado liberal depois da morte de Sagasta, Monteiro Rios era o presidente do conselho. A Hespanha deve-lhe, d'essa presidencia ministerial, altos serviços que impõem o estadista e confirmam o patriota.

1913 encontra-o pela quarta vez na presidencia do Senado, e tão prestigiosamente se sentava no primeiro lugar da camara alta hespanhola que, quando elle um dia resolveu desocupal-o, o simples arredar da sua cadeira abalou o parlamento e o ministerio.

Propuzeram-lhe retirar a lei cuja apresentação indispuzera o gabinete com o presidente do Senado, propuzeram-lhe a formação de um ministerio liberal de que fosse o primeiro ministro, — Montero Rios recusou, recolhendo-se á sua vivenda do Lourizán, na provincia de Pontevedra.

A' sua espera tinha as primeiras personalidades politicas de Pontevedra. Outra virtude hespanhola: o respeito que os partidos no poder teem pelos estadistas dos outros partidos.

Está no Poder o ministerio conservador; as auctoridades de Pontevedra são conservadoras; amanhã quando Montero Rios sair para Madrid terá na gare de Pontevedra, as auctoridades militares e civis, o alto funcionalismo tal como se estivesse no Poder. E' a reflexão da consideração que o proprio Estado garante ao ministro, mesmo depois de ter deixado o exercicio de ministro, não se limitando a dar-lhe, como a monarchia portugueza, um guarda-portão de graça, vestido de guarda-civil, dando-lhe honorarios vitalicios que se chamam *cessantia*.

Mas Montero Rios tem em Pontevedra mais do que o preito á sua cathogoria. Uma atmospheria de carinho envolve as suas estadias na região.

<sup>1</sup> *El Año Politico* (1897) por Fernando Saldevilla (Gerona, typografia del Hospicio Provincial, 1898 Pag.º 38 e 93).

E' o enternecido desvanecimento regional pelas celebridades nataes. A Hespanha virou do avêso o proverbio *ninguém é propheta na sua terra*, boa maneira de não voltar do invêz os sentimentos naturaes.

Tal provincia teve um campeão de regatas ou um primeiro premio de conservatorio em Paris, á chegada da sua gloria regional a cidade recebeu-o ha empavesada e desvanecida, com a sã alegria da sua nova gloria. O rapaz quer estabelecer-se, fundar a sua industria, abrir o seu commercio encontrará na sua qualidade de conterraneo a maior carta de recomendação ao banqueiro e á clientela.

Montero Rios dispõe da sua cathedra de antigo ministro, de senador vitalicio del Reyno, de authentica gloria hespanhola para ser recebido na estação de Pontevedra pelas primeiras pessoas da terra.

E, a mais, o ser uma gloria regional.

Em 4 de Outubro de 1912, uma data intima, as suas bodas d'ouro, levava a sua casa os representantes da politica local, o funcionalismo, as dignidades publicas sem escolha de bandeira politica, e até uma deputação da divisão militar, com o proprio general e respectiva officialidade.

Este anno, uma carinhosa manifesta-

ção lhe preparava Santiago; não esquecendo o seu antigo cathedratico a Universidade de Santiago convidara-o a ir presidir á oração da sapiencia na abertura do anno lectivo; e a cidade, dando lhe sempre o seu titulo de «bom filho de Santiago» associava-se a essa manifestação, ampliando a honra e tornando-a em festa publica. Esteve o programma feito, tudo preparado, e chegaram a ir automoveis a meio-caminho esperar Montero Rios. Uma crise rheumatica oppoz se á ultima hora a essa apotheose.

Tal é o homem illustre que, com a auctoridade d'um decano da vida publica, vão ouvir dissertar sobre politica hespanhola n'esta entrevista. A sua cathedra dá toda a força ás suas palavras; a sua experiencia, toda a auctoridade; a responsabilidade do seu nome, toda a precisão das suas affirmações; os seus 81 annos, toda a imputabilidade.

Montero Rios sabe perfeitamente que a sua Voz se ouve em todo o mundo, e a consciencia do seu valor não o deixará cahir em erros, nem a propria estima das suas gloriosas cans não o deixarão enganar no caminho os que se lhe dirigem a pedir orientação no terreno que elle palmilha ha meio seculo.

# Uma sensacional entrevista

COM O ESTADISTA HESPAÑHOL

## MONTERO RIOS

**Que revolução ameaça a Hespanha — O Imperialismo iberico é um absurdo — A Hespanha não póde pensar em absorver Portugal — O que foi a conferencia de Algeciras e como acabará a intervenção militar em Marrocos — Importantes declarações e previsões de Montero Rios.**

**Quem nos proporcionou esta entrevista — Montero Rios recitando de cór a estancia dos «Luziadas» que lera em 1867 na Fonte dos Amores, em Coimbra — o unico tempo disponivel de um trabalhador.**

O quotidiano madrileno *A B C* — formidavel aranha de que cada tentaculo é um auscultador telegraphico ou uma anthêan radeo-telegraphica em communicação com uma das cinco partes do globo —, publicava no seu numero de 29 de junho de 1913 uma correspondencia de Roma intitulada: *De Vives y Tulo á Cagiano de Azevedo*. E narrava:

*« Por decreto do secretario do Estado o Papa nomeou o cardeal Octavio de Azevedo pro prefeito da Congregação de Religiosos. O cardeal Cagiano nasceu em Frosinone em 1845, de uma familia toscana. O apellido « de Azevedo » levou-o para a sua familia um casamento com pessoa do ramo portuguez. »*

Esta noticia emmanada de Roma, e em que o proprio cardeal Cagiano

evoca a sua enxertia nobliarchica na illustre arvore geneologica dos senhores d'Azevedo, prova quan justamente se honra o cardeal em ter um apellido n'uma das paginas mais antigas do livro de costados portuguezes.

Em Hespanha tambem quasi toda a velha nobreza encontra na arvore dos Azevedos.

E os proprios portuguezes, os de mais pura linhagem se orgulham d'essa anciana arvore.

O sr. conde de Bretiandos entrando uma vez no salão nobre da casa d'Azevedo, ladeado com os retratos dos senhores d'Azevedo, e o quadro reproduzindo a batalha d'Aljubarrota onde um avô do actual conde d'Azevedo (32.º senhor d'Azevedo) Lopo Dias d'Azevedo foi armado cavalleiro, antes da batalha, exclamou:

— « Quem entra n'este salão quer ser descendente da casa de Azevedo. Felizmente os Bretiandos descendem de Azevedo. »

Os senhores de Azevedo, estiveram em toda a parte onde havia honra, e em toda a parte onde houve gloria houve Azevedos: foram ás côrtes de Coimbra, a Aljubarrota, a Ceuta, com

200 lanças armadas á sua custa, e á India. Não admira que as suas armas se leiam nas pedras das melhores casas de Hespanha, nem que o actual conde d'Azevedo seja recebido como parente nos mais fechados salões da nobreza visinha.

O seu nome, que lhe abre ainda as portas dos grandes do reino, na Galliza, foi ainda quem me acreditou no palacio de Lourizán. Homem culto e dado á historia politica do seu tempo, trata com muitos dos mais notaveis homens politicos de Hespanha, Montero Rios entre estes.

Em pessoa foi a Lourizán requerer e aprazar a nossa entrevista com o *prohombre* liberal. Na sua companhia ia seu cunhado o sr. Visconde do Ameal que apresentou a Montero Rios, dizendo-lhe:

— Antigo deputado por Coimbra.

— Deputado por Coimbra! Um cathedratico não póde esquecer uma Universidade. Diga-me cá, o que fizeram da Universidade de Coimbra?

E evocando a sua visita a Coimbra, em 1867, cantou o Mondego, encheu a memoria na poesia da *Fonte dos Amores*, e recitou n'um português passavel:

As filhas do Mondego a morte escura  
Longo tempo chorand' memoraram;  
E por memoria eterna, em fonte pura  
As lagrimas choradas transformaram:  
O nome lhe puzeram, que inda dura,  
Dos amores de Ignez, que ali passaram,  
Vêde que fresca fonte rega as flores,  
Que lagrimas são agua e o nome — amores

E isto sem Montero Rios esperar a visita dos dois portuguezes, portanto não tendo evidentemente folheado os *Luziadas* para preparar lisongeiramente a recitação. Memoria exercida durante quasi um seculo, n'uma plena e polymorpha actividade de jurisperito, de cathedratico, de periodista, de parlamentar, de estadista.

Ao pedido de se deixar entrevistar,

Montero Rios respondeu francamente:

— Homem! quando quizer, todos os dias das dez ás doze, menos aos domingos porque tenho a missa.

— Hoje, é 5.<sup>a</sup> feira, 30 de Outubro, — disse o sr. conde d'Azevedo — então, sabbado.

— Não, sabbado não posso porque é dia de todos os santos e tambem tenho missa.

— Então amanhã.

— Todos os dias, das 10 ás 12 horas.

São as unicas horas disponiveis d'aquelle trabalhador de 81 annos.

Na manhã seguinte, manhã de 31 d'Outubro, tomavamos o comboyo que ás 8 horas sae de Vigo para Pontevedra.

**As duas «Mecas» da provincia de Pontevedra — Nos domínios de Lourizán — A figura de Montero Rios.**

Uma vez chegados a Pontevedra, toma-se um *tramway* a vapor ou um «cesto» com as suas cortinas de lona listrada e os seus cavalicoques descendentes do corcel de *D. Quixote*, e a meia-distancia da povoação de Marin e da cidade de Pontevedra, encontra-se uma regalia agricola, bem tratada, uma soberba matta de eucalyptos, uma grade com um *E*, um *M*. e um *R*. doirando o ferro, e n'uma enlevação feudal dominando a via de Marin, o palacio de D. Eugenio Montero Rios, a Lourizán, uma das «Mecas» de Pontevedra.

Foi a escriptora hespanhola Pardo Buzar que assim denominou as residencias palacêgas dos dois potentados provinciaes: Montero Rios e o sr. Marquez de Riestra. A «Meca» liberal é á Lourizán e Montero Rios seu proprietario; a «Meca» conservadora, a «Caeira» é o palacio, a granja e a fabrica onde officia e governa o pode-

roso banqueiro e cacique sr. Marquez de Riestra.

Deixada a estrada, e percorrida a densa avenida d'uns eucaliptos mythologicos, entra-se na larga escadaria exterior, povoada de esculpturas.

Depois um terrasso, duas alas, e um corpo central. Na ala esquerda é o quarto de trabalho do estadista, que vamos encontrar no seu laboratorio politico. Ao sermos annunciados, de uma poltrona ergue-se um homem completamente encannecido, muito penteado, a barba em bico, alva como farinha, muito cuidado, nada alto, de perna firme, reforçado do peito, um chaile-manta pelos hombros um tanto corcovados, do geito quasi secular de se debruçar com attenção para a vida.

**Fala Montero Rios — Synthese da lição que propomos ao mestre da politica hespanhola — As dissidencias dos partidos dymnasticos.**

Após os cumprimentos, Montero Rios retoma a sua poltrona, passa para os joelhos o chaile castanho sobre o qual a brancura da mão esquerda, entumecida de vasos, se destaca, e, batendo com a dextra no braço do *fauteill*, responde aos nossos agradecimentos á sua accedencia a esta entrevista:

— Eu... não sei o possa dizer-lhe de interessante sobre o seu paiz...

— Mas eu não venho propôr-lhe o problema portuguez. E' claro que se, sem eu o insinuar, o sr. Montero Rios se occupasse da politica portugueza, eu ouvil-o-ia com certeza encantado com a sua oração, porque seria sempre a lição d'um mestre. Não foi, porém, o que cá me trouxe: a politica do meu paiz, conheço eu; a que desconheço e desejo conhecer é a politica hespanhola, que esta nos interessa hoje mais do que nunca

pela sua condição de visinha e pelo papel que na politica europêa tem a Hespanha. A Hespanha progride, a Hespanha cresce, a Hespanha não anda pela mão mas pelo braço das grandes potencias: é um assumpto, é um thema a estudar. Um cathedratico da politica, como Montero Rios, é uma auctoridade a ouvir...

O ministro de D. Affonso XIII curvou cortezmente a cabeça, e nós continuamos:

— Não pretendo penetrar na intimidade das crises partidarias hespanholas. Porque foi esta crise, ou aquella dissidencia, quem tinha razão; quem devia ter tido abnegação, são por ventura analyses muito appetosas para a gula periodistica nacional. A mim, o que me interessa é a significação d'essas crises. Ha evidentemente uma crise nos politicos dymnasticos hespanhoes. Mas o que são essas crises? Simples permutações de elementos para se conjugarem com mais cohesão? ou são uma desaggregação morbida. Quer-me parecer que estas crises partidarias em Hespanha não são simples dissidencias provocadas por incompatibilidade ou ambição de homens, antes são uma incineração das forças monarchicas. Em Portugal assistimos á mesma phenomenologia: desmembramento de partidos, desaggregação dos organismos partidarios, depauperamento do systema, morte do regimen. O que se passa em Hespanha? E' a doença começando por atacar os orgãos, annunciando já a batalha final, integral no organismo? Vejo eu mal? Sou eu pessimista? Suppondo que a crise apresenta a gravidade que se me affigura, e que o systema politico actual definha, como se comportará elle ámanhã com o partido republicano hespanhol? E n'esse caso, que funcção ha a esperar do carlismo, se é que o carlismo é um numero,

uma força, se os carlistas estão organizados e armados como se diz: o carlista terá tanto amor ao princípio que se unirá ás actuaes instituições para as defender do inimigo commum — a Republica —, ou deixará abater um dos dois para depois o combater?... o thema é melindroso mas eu não havia de vir a um estadista como o sr. Montero Rios perguntar-lhe o que pensa do alcaide do *pueblo* ou se está contente com o coadjutor da sua parochia. Não se sobe aos cumes para enxergar os anões...

**Montero Rios reconhece a gravidade do actual momento politico — Esperemos da providencia... — Emquanto esperamos, inteiremo-nos das condições humanas — Complexidade do problema — A revolução franceza e ingleza — Hypocrisia do liberalismo.**

Montero Rios, habituado a esperar o desenvolvimento da ideia dos interpellantes, deixou-nos expor a synthese da materia sobre que desejamos ouvil-o preleccionar, e quando acabamos, desapoioou o mento da taboa do peito, e tomou a palavra com lentidão e uma certa tristeza:

— O momento é grave, Leitão, é grave! Não ha negal-o. Mas devemos esperar sempre alguma coisa da Providencia!... Pois que se hade fazer? Em todo o caso, emquanto esperamos, vamo-nos inteirando do que vae cá per baixo. O problema é muito complexo. As revoluções franceza e ingleza concederam, na lei, direitos eguaes a todos os homens. Mas o liberalismo, diz-lh'o um liberal — e *Montero Rios sorriu com espirito e bonhomia* —, é uma hypocrisia. O liberalismo proclama eguaes todos os homens, e escreve isso na sua lei. Mas

só na lei. Não lhe dá os meios de serem eguaes. E' como se dissesse a dois homens, um valido outro só com uma perna: «ahi tendes essa estrada e o direito equal de passear por ella». Mas ao dizer isto não se desse ao manco uma muleta ou um carro de rodas. O homem valido gozaria toda a estrada, o outro daria meia duzia de passos. O liberalismo dá o direito, mas não os meios de tornar uma realidade esse direito. A grande revolução foi o triumpho da burguezia sobre a aristocracia. Ao aristocrata privilegiado, succedeu o burguez privilegiado. E a burguezia fez com o proletario o que a aristocracia tinha feito com ella, burguezia: dominou-o, governou-o. Fez uma revolução em nome da liberdade, mas só tratou de assegurar esses direitos aos burguezes. Triumphante, o burguez fez do direito que a sua lei affirmava ser equal para todos, um privilegio da burguezia. Fomos andando... até que a vencedora do absolutismo aristocratico, encontrou o seu inimigo, hoje postado deante da burguezia, como os burguezes se levantaram ante os aristocratas. Esse é que é o problema!

E, enxugando as pontas dos dedos á bola a que reduzira o lenço d'assar, desfazendo-a, refazendo-a, comprimindo-a, tacteando-a, ora estendendo os dedos, ora contrahindo-os Montero Rios deixava entrever a lucta entre o trabalhar da ideia e a sua prudencia oral:

**O absolutismo unipessoal e o absolutismo das multidões — O Socialismo — A crise da burguezia e as exigencias do proletariado — O dilema.**

Esse é o problema! A massa proletaria! E' um novo absolutismo mais tyranico do que o absolutismo derubado pela burguezia; porque esse

era unipessoal e exercido a distancia, este é o absolutismo das multidões, immensa aranha que envolve e enleia a todos. E' justa até certo ponto a imposição do proletariado. A burguezia codificou-lhe direitos eguaes a ella, mas esse direito ficou sempre sendo o privilegio da burguezia. Mas como attender essas reclamações, o que pretende o proletario? Salario maximo, minimo de trabalho. Em primeiro lugar conforme a força ou a felicidade com que são conduzidas as negociações entre o capital e o trabalho; essas condições em Hespanha são já hoje variaveis de provincia para provincia; aqui 10 horas de trabalho, ali 8, acolá 9 horas; as condições em que o producto chega ao mercado são dessemelhantes, e a economia ressentida se, travando-se internamente uma lucta de barreiras, como se se tratasse de mercadorias estrangeiras. Em segundo lugar, como o proletariado vai sendo cada vez mais numeroso e mais forte, as suas reclamações hão-de chegar á exigencia, e chegamos assim ao momento delicado em que a um minimo de hora de trabalho e a um maximo de salario, a industria hespanhola ficará mais cara ao industrial e chegará ao mercado em condições inferiores de lucta com a mercadoria estrangeira. E o dilema é este: melhorar a classe proletaria até á saciedade das suas exigencias é atacar a vitalidade collectiva, para attender a uma classe, iremos fatalmente prejudicar, empobrecer e arruinar as outras.

**A Revolução em Hespanha**  
**— O exercito hespanhol — O partido republicano — A Republica não é o que assoma no horizonte — O socialismo e o imperialismo allemão.**

O chaile escorregou-lhe dos joelhos, e, ao apanhal-o, a mão esquerda, que

esquecera a bola feita do lenço d'as-soar, teve de attender tambem ao lenço, e o chaile manta e o lenço branco ficaram aguentados pelo punho esquerdo. Depois, concentrado, varando a terra do futuro com a sua enorme pupilla azul:

— A revolução em Hespanha é essa! Não é a Republica que vem ahi, é talvez a communa, o collectivismo. O exercito hespanhol deixou de ser o exercito dos pronunciamentos. Hoje é um elemento de ordem o exercito. O partido republicano perdeu a sua força e perdeu-a desde que deixou de ser um partido politico. O proletariado não se deixa seduzir nem se contenta com as revoluções ideologas dos regimens. O proletario quer fazer do seu direito o seu privilegio, e não perde tempo: vae direito ao fim. Os republicanos não são escutados pelos socialistas e desde que o exercito pousou o fusil dos pronunciamentos, em que força se ha-de apoiar o republicano para fazer uma revolução? Para o partido republicano, readquirir a força que teve como partido politico, terá de adoptar o programma socialista, isso é uma marcha para uma revolução social e não para uma revolução antidymnastica. Que se importa o obreiro com formas de governo? O Socialismo trabalha com todos os regimens, médra hoje nos estados mais aparentemente antagonicos com o desenvolvimento Socialista. Veja na Allemanha imperialista a importancia e a força que tem tomado a ideia socialista. Pleno imperialismo, e pleno *desarrollo* socialista vivendo paredes meias! E na Inglaterra, este gabinete Loyd George-Asquith — que já não é nem de longe o antigo liberalismo inglez, — o que é senão o Estado a reboque do proletariado? *(As duas pópas encannecidas de Montero Rios brandidas por um movimento de desengana-*

*da evidencia do conflicto, e as palpebras corridas sobre a tristeza do homem de estado declarou:)* Sou liberal, mas não sou socialista!...

**A conquista de Hespanha pelo Socialismo — O Instituto de Reformas Sociaes — O presidente do concelho do actual ministerio conservador e os socialistas — Futuro dos partidos dymnasticos hespanhoes.**

E ao regressar dum d'esses silencios que duram apenas o tempo de considerar uma ultima vez se estamos em erro ou se nos firmamos no nosso modo de ver :

— Não! Socialista, não! O Socialismo vae tambem conquistando a Hespanha. Eu entendo que se devia attender o proletariado, regulando-lhe as reivindicações. Mas nunca entregarmo-nos; rendermo-nos. Ora o Instituto de Reformas Sociaes está instalado pelo Estado, e o sr. Dato, um conservador, e presidente de conselho do actual ministerio conservador, é o auctor da lei protectora contra os accidentes do trabalho a mais socialista do mundo. A burguezia cede, o proletariado avança. O conflicto não é hespanhol, é universal. Sim, os partidos dymnasticos estão evidentemente em crise; hão-de começar pelo desmembramento, depois seguir-se-ha o fraccionamento e, porfim será a dissolução.

**O sr. Azcárrate no Paço — O despedaçar dos diques sociaes — O assalto á grande e á pequena propriedade — Os ensaios colectivistas — A propriedade commum dos instrumentos do trabalho — A revolução social**

O que significa entre a synthese d'esta hora social, a ida do sr. Azcár-

rate ao Paço? Uma absorpção do avançado pela corôa? Uma defecção?

Montero Rios negou primeiro com a energica probidade das suas cans, e depoz com a sua voz cheia, de lamentar e de cathedratico :

— Não, nada d'isso. Azcárrate é um homem de bem, e tem vistas mais largas. — *(E voltando ás suas conclusões, como se ouvisse rugir na sua matta as multidões, empunhando o pendão da revolta social, Montero Rios recólhe o perfil direito, escuda com o hombro esquerdo todo o busto, enclavinha a mão esquerda, e cortando toda a duvida com o bordo da mão, prophetisa, fumegando videncia da sua pupila, a curva da pôpa ondulando, a péra branca e o bigode excomungando o porvir, n'um instantaneo mephistophelico :)*

— Não será para a minha vida, porque tenho 81 annos, mas ha de ser para a sua e para a sua tambem, Conde de Azevedo: os senhores hão-de assistir ao romper dos diques sociaes, ao assalto á propriedade, primeiro á grande, é claro, mas depois á pequena, tambem a pequena ha-de ver a posse commum dos instrumentos de trabalho, hão-de saber os resultados que poderão dar os ensaios colectivistas, o communismo.

Verão, verão! — *(E voltando-se para nós):* Essa é a revolução, este o problema, vasto, complexo, avassalante, tyranico.

**Os carlistas — O Sebastianismo — O clero politico**

Teve sua imponencia essa visão d'um homem encanecido no governo da nau do Estado que com a clareza e intimo conhecimento das condições do seu paiz e do seu tempo, traça n'uma elevada synthese a revolução que ha-de marcar a nossa era. Perante esse momentoso transbordar das multidões, submergindo e

vencendo tudo, o incidente carlista perderá toda a sua importancia, a par da magnitude da crise mundial que, pela primeira vez, ouvimos affirmada por um homem de estado e affirmada quinze dias depois de ter deixado a presidencia do Senado. Em todo o caso lembramos-lhe esse pormenor que estava no esboço do têmea proposto ao mestre:

— E os carlistas e o carlismo?

— Os carlistas não são uma força, e estão desinteressados.

— Mas o clero...

— O clero, Leitão, é o meu coadjutor que me diz: *Sou integrista*, isto é, catholico. O carlismo é para nós, o que D. Sebastião é para os Portuguezes. E o clero... o clero o seu defeito é ser um clero politico.

Fala-se dos sonhos do imperialismo iberico — Montero Rios atira para o monte dos absurdos toda e qualquer ideia de absorpção de Portugal pela Hespanha — A experiencia do estadista affirma que a «entente» europêa sob a qual isso seria possivel é uma rematada chiméra.

Estavamos chegados ao ponto mais melindroso da nossa entrevista; e não foi sem uma certa inquietação que perguntamos:

— A braços com essa *iceberg* socialista, dentro desse preannunciado sobrar das forças partidarias monarchicas, o sr. Montero Rios parece-lhe que se possam ter sonhos imperialistas?

— Para haver imperios é preciso em primeiro logar haver imperadores! — exclamou Montero Rios.

— Mas certas tendencias militaristas, o projecto de reorganização da esquadra hespanhola...

— Sim, a Hespanha está construindo marinha de guerra... no meu entender, era muito melhor concentrarmos todas as attentões no interior, fortalecer-nos na vida interna, desenvolvermo-nos, prosperarmos e depois pensariamos em marinhas, e em couraçados. Primeiro a vida de nutrição e depois a vida de relação. Marinhas de guerra, para que? Emfim, a ver vamos! a ver vamos!... (*Repetiu Montero Rios, como quem se não oppõe á opinião alheia, embora saiba que os outros hão-de acabar por vir mais tarde a ser da opinião d'elle; e concluiu*): Quanto á utopia da absorpção de Portugal pela Hespanha ninguem pode pensar n'ella. **Para a Hespanha absorver Portugal seria preciso uma «entente» geral das potencias, e a minha experiencia dos negocios de estado diz-me que essa «entente» nunca se poderia tornar uma realidade. E' uma rematada chimera!**

A proposito conta-nos como foi inefficaz uma «entente» para resolver um assumpto bem menos complexo: Marrocos — A conferencia de Algeciras — Um adjectivo que esquecêra á França, mas lembra a Montero Rios.

— Mas a *entente* franco-hespanhola, essa base oitava? existe ou não existe?

— Vou contar-lhe o aprazamento e o programma a discutir na conferencia d'Algeciras, e verá quanto é difficil, como é impossivel levar á prática uma *entente*.

Foi em 1905 e estava eu no poder. A França e a Allemanha entabolaram conversação sobre o problema marroquino, parecendo esquecer-se da Hespanha e dos sacrificios que Marrocos já lhe havia custado, e do que

em 1904 ficára entendido entre os gabinetes de Paris e Madrid, e que já me passára pelas mãos. Dirigi-me a Mr. Cambon, embaixador francês, e disse-lhe que me parecia que a França se tinha esquecido do anno de 1904, e lembrei que era perigoso realisar-se em Tanger, perto da suggestão do Sultão, e propunha-lhe Cadiz, Algeciras ou Malaga. Ah! tem você razão, eu vou já communicar a nossa conferencia ao meu governo. Mr. Cambon é uma pessoa muito séria, um cavalheiro. Communicou ao gabinete de Paris, e a elaboração do programma a apresentar na conferencia foi-se redigindo.

Quanto ao ponto onde realisar a conferencia, o imperador Guilherme II achou muito gosto que fosse em Hespanha e até propoz Madrid. Eu não quiz. Escolheu-se, então, Algeciras e para lá foi o programma, em que eu luctei por introduzir esta clausula: *penetração pacifica*. A França escreveu *penetração*, mas esqueceu-se de adjectivar. Conferenciei com Mr. Cambon, e elle reconheceu: «*Tem V. razão. Foi um lapso, eu vou entender-me com Paris*». E lá se escreveu o adjectivo *pacifica*. Não fui á conferencia de Algeciras; foi o nosso embaixador o Duque de Almodovar. Tudo dependia do lado para onde a Hespanha se inclinasse; o voto de Hespanha faria pender o prato da balança. A nossa situação, pois, era esplendida, na nossa mão estava acabar com aquele espinho. Mas o nosso embaixador — eu depois arrependi-me de não ter ido a Algeciras! — assustou-se, receou difficuldades, e deu a sua força á França, e ahí tem o programma da *penetração pacifica* reduzido a essa actual conquista armada.

Pois isto era uma *entente* entre tres paizes, tendo um d'elles, por assim dizer, o voto de desempate na mão.

### O que sairá da acção da Hespanha e da França em Marrocos — O original e a copia — A sua divisa.

— E como, e quando acabará esta despeza de vidas que Marrocos está custando á Hespanha, este derramamento d'ouro nas ancias ardentes do outro lado do estreito?

Montero Rios acenou confirmativamente a sua encanecida cabeça, n'um gesto de quem muita vez fizera a si mesmo essa pergunta e só disse:

— Nós não somos romanos! E os romanos não conquistaram o mauritano. Ha quanto tempo, e quanto dinheiro, e quantas vidas, e quantos tiros se tem gasto, para afinal não se passar d'uma faixa de terra! A invasão europêa é a invasão de 1808 em Hespanha. Emquanto estivermos em armas temos lá o pé, quando ensarilharmos armas o mouro reconquistará o que se lhe houver conquistado.

Levantamo-nos gratos á licção politica do decano; e como lhe pedissemos uma photographia para acompanhar esta entrevista, Montero Rios sorriu, e declarou:

— Tratei sempre muito do original mas pouco da copia.

Mas chamando um dos seus dedicados secretarios, pediu-lhe uma photographia, e sentando-se á sua mesa assignou o retrato com o autographo que tanta hora historica da Hespanha contemporanea tem sellado.

Emquanto elle escrevia, reparando nós em quartos de papel escriptos, dissemos-lhe:

— Oitenta e um annos e a trabalhar!

— Oitenta e um, ainda não. E' quasi o mesmo, mas ainda os não completei. Mas a trabalhar, pois, então? a minha divisa foi sempre: *laboris voluptas*.